



A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA DESIGUALDADE SOCIAL EM *VIAGEM A LILIPUTE*, DE JONATHAN SWIFT

Ms. Eliete Augusta de Souza Viana*;

Dra. Marília Novais da Mata Machado**

[*elietepsi@yahoo.com.br](mailto:elietepsi@yahoo.com.br)

* Professora uniBH, Belo Horizonte, Minas Gerais

** Professora Visitante UFSJ, São João Del Rei, Minas Gerais

Resumo

A análise da primeira parte do livro *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift (1667-1745), é uma das unidades de uma pesquisa que visa identificar o discurso da equidade e da desigualdade sociais (Deds) em obras que descrevem sociedades fictícias (utopias, lendas, poemas, romances e aventuras). Buscam-se as significações imaginárias sociais de equidade e de desigualdade sociais no próprio texto, depois de cuidadosamente lido e transformado em *corpus* empírico de análise. As condições de produção da narrativa são pesquisadas em biografias do autor e informações sobre o contexto em que a obra foi escrita. *Viagens de Gulliver* foi publicado pela primeira vez em 1726 e até hoje constitui leitura para crianças e adultos. A análise aqui apresentada se refere apenas à primeira parte do livro, *Viagem a Lilipute*, quando Gulliver é um gigante entre anões. Não foi observado discurso da equidade social. O da desigualdade revela sociedades de estrutura claramente estratificada e vínculos sociais regidos por relações de mando e sujeição. Três séculos após o livro ter sido escrito, é um discurso ainda vivo.

Palavras chave: discurso da equidade e da desigualdade sociais; imaginário social; análise do discurso; Swift; Viagem a Lilipute.

Abstract

The analysis of the first part of the book *Gulliver's Travels*, written by Jonathan Swift, is one of the unities of a research program aiming to apprehend the Discourse of Social Equality and Inequality in literature texts describing fictional societies (utopias, legends, poems, novels and adventures). Social imaginary meanings of equality and inequality are searched in the text, after carefully read

and transformed in empirical corpus for analysis. The *conditions of discourse production* are searched in author's biographies and in contextual information about his time and situation of writing. *Gulliver's Travels* was first published in 1726 and continues to be read by children and adults. The analysis presented in this article refers only to the first part of the book, *A Voyage to Lilliput* in which Gulliver is a giant among dwarves. It was not observed a discourse of social equality. The discourse of inequality reveals societies whose structures are clearly stratified, with social links ruled by relationships involving command and subjection. Three centuries after Swift, it is a discourse still alive.

Keywords: Social inequality discourse, social imaginary, discourse analysis, Swift, *A voyage to Lilliput*.

Introdução: teoria e método

Com uma abordagem psicossocial e dentro de um programa que pesquisa o discurso da equidade e da desigualdade sociais (Deds) em construções fictícias e imaginárias de sociedades, analisa-se aqui o primeiro episódio – *Viagem a Lilipute* – da obra *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift.

Parte-se da hipótese teórica segundo a qual os vínculos de equidade e desigualdade que congregam e separam indivíduos refletem o lugar e a época em que ocorrem. Alguns persistem ao longo de séculos, outros são efêmeros, mesmo que propensos a se repetirem. Esses vínculos podem ser apreendidos em obras literárias.

Assim, estudando-as, tendo em conta o contexto social-histórico que as produziu, pois elas surgem em lugares definidos e são endereçadas a leitores/interlocutores que compartilham a mesma comunidade discursiva e participam da mesma história coletiva, e tomando-as como textos que permitem uma análise discursiva, é possível detectar, nesses textos, o discurso e, indiretamente, os vínculos sociais, reais e imaginários, relativos à equidade e à desigualdade sociais.

Uma construção discursiva sobre um agrupamento social, além de falar sobre a sociedade que a produziu é, ao mesmo tempo, capaz de criar, sugerir e impulsionar outros arranjos sociais. De especial importância são as obras literárias que persistem ao longo do tempo, como é o caso de *Viagens de Gulliver*, que foi publicado pela primeira vez em Londres, em 1726, reeditado repetidamente, adaptada para crianças, traduzido para diversos idiomas.

A pesquisa do Deds utiliza como referencial teórico-metodológico a noção de domínio social-histórico de Castoriadis (1982; 1987; 1999; 2007) que propõe a busca de significações imaginárias relativas a um objeto e, ao mesmo tempo, a investigação das múltiplas determinações que atuam sobre ele.¹

A coleta e o tratamento das informações seguem fundamentação teórica da análise do discurso. Os procedimentos analíticos são inspirados em Pêcheux (1990) e na descrição arqueológica de Foucault (1987) que acentuam, respectivamente, a importância das *condições de produção do discurso* e a relevância da *formação discursiva*, isto é, das condições históricas, econômicas, sociais, geográficas e culturais particulares que possibilitaram a elaboração, funcionamento, aparecimento e difusão da obra em análise.

A pesquisa é operacionalizada seguindo-se as seguintes etapas: (a) Construção do *corpus*: a partir do texto original, é preparado um resumo que conserva o enredo, o encadeamento, as principais passagens e as mesmas palavras do autor, além de menções a instâncias de equidade e desigualdade sociais, resultando num dispositivo prático que permite releituras imediatas. (b) Definição dos *procedimentos de análise*: buscam-se realidades lingüísticas observáveis como palavras-pivô, verbos performativos, interrogações, ordens, pressupostos, diálogos, repetições, etc. Com esses dispositivos, percorre-se, numerosas vezes, o corpus. (c) Identificação das *condições de produção* do texto: onde, como, por quem, em que circunstâncias ele foi produzido. Dados sobre o autor e sua época são buscados em enciclopédias, internet, biografias. (d) Identificação do *Deds* no cruzamento das condições de produção com as significações imaginárias sociais encontradas.

A obra: *Viagem a Lilipute*

Principal personagem e narrador da obra, Gulliver é um médico inglês com conhecimentos náuticos e larga experiência como cirurgião em navios, profissão que exercia havia nove anos. Em maio de 1699, saindo de Bristol, Inglaterra, embarca em uma viagem pelos mares do sul. Um naufrágio perto

¹ As informações relativas ao referencial teórico adotado e ao método encontram-se, aproximadamente com as mesmas palavras, em outros artigos do programa de pesquisa Deds. **e-hum**, Belo Horizonte, Vol.4, N.1, pp.98-113 (2011). Editora uniBH
Disponível em: www.unibh.br/revistas/ehum

das Índias Orientais faz com que chegue a nado, sozinho, a Lilipute, terra inteiramente desconhecida.

Enquanto, exaurido, dorme, Gulliver é amarrado pelos liliputianos, seres minúsculos em relação a ele que logo é apelidado Homem Montanha.

Por ordem do imperador, é transportado, ainda amarrado, para as proximidades da capital do império e alojado em um antigo templo, acorrentado. Passa a ser objeto da admiração não apenas do povo, mas também do imperador e de sua corte.

Às vezes o alvejavam com setas, que não chegavam a feri-lo, mas que seriam perigosas se lhe acertassem os olhos. Uma vez, um coronel da guarda que o vigiava entregou-lhe seis liliputianos que o haviam alvejado. Simula primeiro comê-los para, em seguida, delicadamente os libertar, gesto que foi apreciado pelos militares, pelo povo, pela corte e pelo conselho governamental. Em conseqüência, Gulliver passa a ser regular e oficialmente alimentado pelas aldeias circundantes que, diariamente, lhe enviam pão, vinho, seis bois, 40 carneiros e outros víveres; 600 pessoas passam a servi-lo; 300 alfaiates fazem-lhe uma roupa à moda local. Seis sábios se revezam, ensinando-lhe a língua e os costumes do país.

O imperador o visita com freqüência. Para diverti-lo, lhe apresentam o espetáculo dos dançarinos de corda em que os artistas são pessoas que desejam se tornar favoritas da corte e preencher cargos importantes no governo.

Mas Gulliver quer ser libertado e, para tanto, envia diversas solicitações ao imperador que, finalmente, decide encaminhá-las ao Conselho do Estado. O Conselho aprova a liberdade sob condições, inclusive a de tê-lo como aliado de guerra, pois seu tamanho monumental e força podem ser de utilidade.

Gulliver presta juramento, é libertado e, enquanto súdito, passa a receber ração equivalente à de 1874 liliputianos, cálculo cuidadosamente feito considerando sua massa corporal. Logo visita Milden, a capital do império e conhece o exterior do palácio imperial. Deitando-se de lado, vê os belos aposentos palacianos, incluindo os da imperatriz e das jovens princesas.

Recebe visita do secretário de Estado que lhe fala sobre os dois males a serem debelados no império: a facção interna em que dois partidos –

Tramecksan e *Slamecksan* (que se distinguem por usarem saltos altos ou saltos baixos) – se odeiam, e a eminência de invasão pela esquadra de Blefuscu, potência contra a qual Lilipute está em guerra há tempos, desde o decreto obrigando liliputianos a partir ovos pela extremidade delgada, o que causou revoltas, fomentadas por Blefuscu, aonde os rebelados se asilam.

Gulliver se compromete a defender Lilipute. Com efeito, apodera-se dos 50 maiores navios inimigos içando-os com ganchos e cabos e rebocando-os até o porto imperial. Como recompensa, recebe um título honorífico.

Porém, recusa-se a auxiliar a subjugar Blefuscu, reduzindo-a a província de Lilipute, e a exterminar todos os refugiados partidários da extremidade mais grossa dos ovos. Indispôs-se, assim, com imperador, mas ganhou as graças dos blefuscutianos que, através de embaixadores, o convidam a visitar seu império. Para tanto, obteve autorização do imperador de Lilipute.

Nesse ínterim, por causa do descuido de uma aia, os aposentos da imperatriz pegam fogo. Chamado a auxiliar, Gulliver apaga o incêndio urinando abundantemente sobre as labaredas. Sabia que, pelas leis da nação, era crime capital verter águas na proximidade do palácio e que, portanto, estava sujeito a pena de morte. Mas o imperador lhe agradece o serviço prestado. Quanto à imperatriz, horrorizada, transfere seus aposentos para outra parte do palácio.

Gulliver relata usos, costumes e leis de Lilipute. Discorre sobre a educação de crianças e jovens. Lembra que, nessa atividade, recompensas são mais importantes que punições.

A viagem a Lilipute termina depois que Gulliver fica sabendo de condenação contra ele, movida por seus inimigos na corte. Havia sido processado por lesa-majestade e outros crimes, pois violara a lei na forma como apagara o incêndio no palácio, recusara-se a colaborar na transformação em província da nação inimiga, recebera a amizade dos embaixadores blefuscutianos, transformando-se em traidor. Seus inimigos defenderam a posição de que deveria ter morte cruel e ignominiosa. Porém o imperador, com algum apoio de outros membros do conselho, propôs salvar-lhe a vida. A pena decidida foi a de vazar-lhe os olhos, pois mesmo cego poderia ainda prestar serviços ao império.

Gulliver decide então sair de Lilipute, aproveitando-se do fato de ter autorização para visitar Blefuscu, onde foi muito bem recebido pelo rei, pela rainha e pelo povo. Com permissão do rei, e tendo em vista retornar à Inglaterra, auxiliado por numerosos marinheiros, recupera um navio naufragado próximo à costa de Blefuscu.

O imperador de Lilipute, ao ver que Gulliver tardava a retornar, envia mensageiros ao soberano de Blefuscu, colocando-o a par da condenação e exigindo a volta do visitante sob pena de ser considerado réu de alta traição.

O rei de Blefuscu solicita prazo para responder e, quando o faz, com prudência e respeito, afirma ser impossível obrigar Gulliver a fazer a viagem de volta. Comunica também que o visitante, graças à descoberta do navio encalhado, está prestes a retornar à sua terra, livrando os dois impérios de fardo tão pesado.

Gulliver adianta sua partida. Em setembro de 1701, faz-se ao mar. Com dois dias de viagem avista navio inglês que o resgata. Em abril de 1702 está de volta à Inglaterra.

O autor e sua época: condições de produção do discurso

Jonathan Swift nasceu no dia 30 de novembro de 1667, em Dublin, na Irlanda, filho de pais ingleses protestantes. O pai morreria alguns meses antes e a mãe decidira voltar para a Inglaterra, deixando o jovem Jonathan e sua irmã a cargo dos tios paternos.

No ano anterior, Londres se incendiara, quando ainda se recuperava da peste. Era o tempo do reinado de Carlos II (1660-1685), o monarca Stuart que retomara o trono após a república de Cromwell. Carlos II era grande admirador de Luís XIV e do absolutismo francês, defensor de conformismo religioso estrito, perseguidor de católicos e de protestantes não submissos ao anglicanismo (presbiterianos, metodistas e quacres).

Swift passa os seus primeiros anos entre os primos, sem ninguém a se ocupar particularmente dele. Em 1673, entra para o internato no Kilkenny College e, em 1682, no Trinity College, duas das melhores escolas de Dublin. Foi estudante rebelde e criador de caso (Glendinning, 1999).

Nesses anos, aumentam as diferenças entre *whigs* e *tories*, os dois partidos políticos ingleses criados com a Restauração, isto é, com o restabelecimento da monarquia. Os *whigs* eram puritanos, tolerantes aos católicos papistas e aos protestantes dissidentes, parlamentaristas, republicanos, democratas, moralistas, apoiadores de aristocratas representantes das classes mercantis. Os *tories* eram conservadores, anglicanos, ortodoxos, defensores das prerrogativas absolutistas dos reis e dos interesses dos proprietários de terras (Soares, 2001).

Com apoio *tory*, Jaime II sucedera a seu irmão Carlos II no trono inglês, em 1685. Exerceu o poder despoticamente. Diferente da maioria *tory*, auxiliava e era auxiliado pelos católicos. Em 1688, com o apoio dos protestantes e de outros grupos políticos, Guilherme de Orange, neto de Carlos I e casado com Maria, filha de Jaime II, desembarca na Inglaterra, vindo dos países baixos. O rei abandona o trono e busca refúgio na França. Com o apoio dos franceses e com base na Irlanda, tenta recuperar o trono. É derrotado pelo exército de Guilherme de Orange, em 1690.

Mas antes disso, em 1689, sem terminar seu M.A, temendo vitória jacobita, isto é, dos partidários de Jaime II e da casa dos Stuarts, Swift deixa a Irlanda, com outros protestantes, e se refugia na Inglaterra. Procura sua mãe em Leicester e, depois, emprega-se como secretário de Sir William Temple, ex-diplomata e escritor, amigo dos tios Swift. Em Moor Park, Surrey, casa de Temple, conhece Esther Johnson (Stella), então com oito anos. Ele lhe ensina ler e escrever. Ela veio a ser a mulher mais importante de sua vida (Glendinning, 1999).

Entre 1689 e a morte de W. Temple em 1699, por três vezes Swift trabalha em Moor Park, como secretário. Foi nessa casa que apareceram os ataques de vertigem e enjôo que o acometeram intermitentemente o resto da vida. Foi onde começou a escrever seriamente, perdeu o sotaque irlandês e aprendeu a ser ambicioso (Glendinning, 1999). Entre a primeira e a segunda vez foi ordenado padre na Irlanda, servindo numa pequena paróquia da Igreja Anglicana, em Kilroot, norte do país. Foi então que se envolveu com Jane Waring (Varina), irmã e prima de colegas do tempo do Trinity College. Chegou a lhe propor casamento.

Depois da morte de Temple, é designado vigário de Laracor, um lugarejo em Co. Meath, Irlanda. Em 1701, tendo como companhia Rebeca Dingley, prima dos Temple, Stella, então com 20 anos, muda-se para a Irlanda, por sugestão de Swift, para estar perto dele.

Em 1702, ele obtém o Grau de Doutor pelo Trinity College. Entre 1704 e 1709 vive a maior parte do tempo na Inglaterra, mas escreve diariamente para as *ladies*, palavra que se referia às duas, Stella e Rebeca Dingley. Essas cartas foram publicadas sob o título *Journal to Stella (Diário de Stella)*.

No trono inglês estava a Rainha Ana que reinou de 1702 a 1714, sucedendo a Guilherme de Orange, morto em 1702, quando se preparava para atacar a França. A rainha era filha de Jaime II, anglicana e *tory*. Ela manteve a guerra com o país vizinho até 1713, quando foi feito um tratado de paz. A principal missão de Swift em Londres era a de obter junto a ela, representando o arcebispo irlandês, a suspensão dos *First Fruits*, taxa elevada cobrada pela coroa sobre os salários dos clérigos da Irlanda.

Nos seus primeiros dias em Londres, Swift era um provinciano desajeitado, que não conhecia ninguém, observado e ridicularizado pelos escritores geniais e espirituosos que faziam das Casas de Café o seu ponto (Glendinning, 1999). Mas isso iria mudar com o tempo. Ele pouco conseguiu com relação à sua missão, mas fez contatos com os governantes *whigs*, então no poder, escreveu tratados político-religiosos e obteve grande sucesso com *Tale of a Tub (História de uma tina)*, que surgiu em 1704.

Depois de retornar à Irlanda por cerca de um ano, volta a viver na Inglaterra, entre setembro de 1710 e setembro de 1714, sempre representando a Igreja Anglicana da Irlanda. Como sugere Glendinning (1999), foi o período mais agitado de sua vida. Ele chega ao centro da vida pública, respeitado pelos poderosos e cortejado pelos menores. Uma vez por semana, freqüenta a corte. Serve ao partido *tory*, vitorioso nos últimos anos do reinado de Ana. Torna-se grande amigo, para o resto da vida, do primeiro ministro e do primeiro secretário: Robert Harley, conde de Oxford, e Henry St James, visconde de Bolingbroke. Sem receber nada por isso, escreve, para o governo, panfletos e versos contra os *whigs*, buscando mobilizar a opinião pública contra a guerra com a França. Faz a intermediação entre Oxford e Bolingbroke que, embora do

mesmo partido político, nem sempre se entendem. Participa assim do Tratado de Utrecht, que coroa as negociações de paz com a França.

A respeito das posições de Swift, defendendo-o arduamente contra detratores que vêem nele defeitos de bajulação e vira-casaca, entre outros, Barbosa, escreve:

As tendências políticas de Swift foram sempre conciliadoras, e sua pretensão a de moderador entre os extremos de partido. Partidário nunca o foi, na acepção estrita da palavra. Numa quadra em que, por nos exprimirmos como ele, até os cães e gatos andavam possessos das rivalidades whigs e tories, essa isenção honra a sua superioridade de espírito. Prezava, todavia, profundamente a reputação de coerência, sustentando constantemente que não hostilizava os whigs, senão para pugnar pelas idéias whigs. O radicalismo whig, porém, a seu aviso, ameaçava a Igreja, e o radicalismo tory desconhecia os direitos do Estado (Barbosa, 2007, p. 50).

Ao lado das amizades políticas, Swift cria laços duradouros com grandes escritores da época: Alexander Pope, John Gay e John Arbuthnot, com quem fundou o *Scriblerus Club* (Clube do Escrevinhador).

Ainda em Londres, envolve-se também com Hester Vanhomrigh (Vanessa) que o segue mais tarde na Irlanda, desentende-se com Stella e, contra a vontade dele, autoriza a publicação de poema ambíguo escrito por ele sobre a relação que mantiveram – *Cadenus e Vanessa*, 1726. Finalmente, é repudiada por ele.

Os amigos na corte e no ministério tentaram lhe conseguir um posto de bispo na Inglaterra. Mas o que obtiveram de melhor foi o de deão em Dublin, pouco antes da morte da rainha Ana e da queda do ministério *tory*. Jorge I subiu ao trono em 1714 e os *whigs* voltaram ao poder, dessa vez até 1754.

Com isso, Swift sai do centro da vida pública na metrópole e se recolhe no deado de St Patrick. Torna-se um “*peixe grande em aquário pequeno*”, como diz Glendinning (1999, p. 12). Cria um círculo de amigos a quem às vezes maltrata e intimida, vive a ansiedade decorrente de sua relação secreta com Vanessa, secretamente também teria se casado com Stella, em 1716, o que não é certo já que nunca viveram como marido e mulher.

Ganha reputação como patriota irlandês graças às sátiras *The drapier's letters*, 1724 (*Cartas de um fabricante de panos*) e *A modest proposal* (*Modesta*

proposta), 1929, que defendem interesses da população pobre da Irlanda e buscam envergonhar o governo britânico.

Entre essas duas sátiras, publica, em 1726, *Viagens de Gulliver*, que se torna sucesso internacional. A escrita do livro reproduz algumas das maneiras de ser e falar de Swift, como tratar dos maiores absurdos, mas na maior seriedade, usar exageros, ironia encoberta e hipérboles. O vocabulário imita e parodia a língua irlandesa ouvida pelo autor. (Glendinning, 1999)

A principal técnica utilizada por Swift em *Viagens de Gulliver* e, principalmente, em *Viagem a Lilipute*, é a de mostrar o ridículo de um conflito político ou ideológico por meio da substituição da questão em causa por algo corriqueiro. Essa linguagem indireta era então quase obrigatória entre aqueles próximos à corte, ministros e poderosos, que deviam, num só ato, se manifestar e se proteger de perseguições políticas. Swift era extremamente hábil nessa linguagem, misturando fantasia e realidade, usando ironias e paradoxos (Glendinning, 1999).

As “nações remotas” visitadas por Gulliver – Lilipute, Brobdingnag, Lapúcia, Balnibarbo, Glubbdudrib, Luggnagg e o país dos Huyhnhnms – se situam na Australásia e são derivadas de *New Voyage around the World*, de William Dampier, de 1697. (Glendinning, 1999, p. 181).

Para agradar às crianças, a história foi “limpada e filtrada” (Glendinning, 1999, p. 179). Mas ela diz respeito à corrupção na vida pública, vista diretamente pelo autor nos anos que viveu em Londres. Como a corrupção é “endêmica, universal e atemporal” (Glendinning, 1999, p. 181), a obra acabou agradando a todo mundo, pois é tão engraçada e chocante hoje como foi em 1726.

Depois de *Viagens de Gulliver*, Swift ainda escreve muito: prosa, poesia, poemas escatológicos. No final dos anos 1730, aos poucos, seu humor, memória e razão se deterioram. Sua língua, que já era ferina, torna-se cada vez mais violenta, as respostas exageradas e as raivas incontroláveis. Aos poucos, como ele próprio previra comentando com um amigo – “*Hei de perecer como aquela árvore: pela cabeça*” (BARBOSA, 2007, p. 81), não consegue mais ler, escrever e cuidar de si próprio. Em 1742 é declarado legalmente incapaz. Morre a 19 de outubro de 1745.

Graças especialmente a *Viagens de Gulliver*, o autor recebe, por parte de Barbosa (2007, p. 87), o seguinte elogio: “Pode-se dizer que foi, por excelência, o gênio da sátira na literatura de todos os tempos”.

Análise do corpus A análise que se segue foi feita sobre um corpus de 18 páginas em espaço simples, 10633 palavras, 52985 caracteres sem espaço.

A exemplo da análise de outros corpora efetuada no mesmo programa de pesquisa, para detectar o discurso da equidade social, utilizou-se o termo-pivô igual, buscando no corpus essa palavra e suas derivadas (igualdade, igualitário, etc.). Não se obteve resultado algum. Releituras cuidadosas tampouco apontaram esse discurso.

Porém, há um discurso da desigualdade que perpassa a descrição das duas construções societárias imaginárias – Lilipute e Blefuscu, que são sociedades estratificadas e desiguais, em que estão presentes relações de dominação e de subjugação.

No topo da hierarquia de Lilipute está o imperador, designado também por soberano, príncipe e Sua Majestade Imperial, termos usados como palavras-pivô. Recebe Gulliver com a mesma curiosidade que seus súditos, mas distingue-se deles numa série de particularidades. Suas funções específicas aparecem expressas especialmente em verbos performativos (AUSTIN, 1990) como ordenar, decretar, convocar, obrigar, instruir, reunir, deferir, resolver, moderar, ponderar e poupar a vida; além disso, exerce funções cortesias (divertir visitantes, assistir a libertação de prisioneiros), como se vê nas seqüências discursivas do *corpus*. Ao lado dele, a imperatriz, príncipes, princesas e cortesãos compõem a entourage do soberano.

O comando do império passa de uma geração para outra, como se vê na seqüência discursiva que se segue:

O avô de Sua Majestade imperial, em criança, estando para comer um ovo, teve a infelicidade de cortar um dedo, o que deu motivo a que o imperador, seu pai, lavrasse um decreto, em que ordenava aos seus súditos, sob graves penas, que partissem os ovos pela extremidade mais delgada. Este decreto irritou tanto o povo, que consoante narram os nossos cronistas, houve por essa época seis revoltas (Swift, 1965, p. 42).

A provisão de cargos resulta de práticas exóticas, como a descrita abaixo:

As pessoas que executam este trabalho [dançar na corda] são as que aspiram a grandes empregos e se supõem dignos de se tornarem favoritos da corte; com esse intuito se entregam desde tenra idade a esses nobres exercícios, que convêm principalmente aos indivíduos de elevada categoria. Quando um importante cargo está vago, ou pela morte do que o desempenhava ou por ter caído no desagrado do imperador, (o que acontece freqüentemente), apresentam, uns seis pretendentes, um requerimento para lhes ser concedida licença de divertirem Sua Majestade e a corte com uma dança na corda, e aquele que saltar a maior altura sem cair, é quem conquista o lugar (Swift, 1965, p. 29).

Os ocupantes dos cargos mais altos do império, como tesoureiro-mor e primeiro ministro, devem executar malabarismos e atos ridículos para se manterem no cargo:

Acontece muitas vezes que se ordena também aos grandes magistrados que dancem, para provarem a sua habilidade e para darem a entender ao imperador que não perderam as suas faculdades. Flimnap, tesoureiro-mor do império, passa por ter a habilidade de dar uma cabriola na corda, uma pategada mais alto do que qualquer outro grande da corte; vi-o por várias vezes dar o salto mortal, (a que damos o nome de somerset), em uma minúscula tábua presa à corda e que não tem mais grossura do que uma guia ordinária (Swift, 1965, p. 29-30).

Essas diversões dão muitas vezes lugar a funestos desastres, a maioria dos quais é registrada nos arquivos imperiais. Eu próprio vi uns três pretendentes ficarem aleijados; o perigo, porém, é muito maior, quando os próprios ministros recebem ordem para mostrar a sua habilidade, porque, fazendo esforços extraordinários, para serem superiores a si mesmos e para colocarem mal os outros, dão quase sempre perigosas quedas (Swift, 1965, p. 30).

Porém, essas práticas são contraditas em outras seqüências discursivas nas quais Gulliver relata as leis e costumes liliputianos. A história se enovela, contada e recontada. Nascimento, posição social, fidelidade às leis, probidade e virtudes ganham importância:

Todo aquele que pode apresentar provas bastantes de que observou fielmente as leis do seu país durante setenta e três luas, tem o direito de pretender certas regalias, consoante ao seu nascimento e a sua posição, com certa quantia tirada de um fundo destinado a esse fim; alcança até o título de snipall, ou de legítimo, que é apenso ao seu nome; esse título, porém, não passa aos descendentes (Swift, 1965, p. 54-55).

Na escolha que fazem dos súditos para desempenharem cargos públicos, olham mais para a probidade do que para o talento. Como o governo é necessário ao gênero humano, crêem que a Providência

nunca teve em mira fazer da administração dos negócios públicos uma ciência complicada e misteriosa, acessível apenas a um limitado número de espíritos raros e sublimes, desses três ou quatro prodígios, que aparecem lá de séculos a séculos; mas julgam que a verdade, a justiça, a temperança e as restantes virtudes estão ao alcance de toda gente e que a prática dessas virtudes, acompanhada de alguma experiência e bons intuitos, tornam quem quer que seja apto para servir ao seu país, embora muito raquítico e muito tacanho (Swift, 1965, p. 55-56).

O poder no campo está nas mãos de fidalgos que têm sob suas ordens pajens e servos. O fidalgo, além de se vestir com mais pompa que seus servos, é mais alto que eles, da mesma forma como o soberano é mais alto que os súditos.

A educação dos liliputianos, bastante original, reproduz e promove a estratificação social, distinguindo, de um lado, os camponeses, operários, aias e criadas, de outro, os de estirpe nobre. Também para meninos e meninas há diferentes práticas educativas. A ciência e o estudo em excesso são criticados. Essa apresentação dos costumes locais, que enfatiza origem, sexo e sangue, está em perfeita contradição com a apresentação das formas de promoção, fundadas em malabarismos. Vejam-se as seqüências discursivas:

Julgam os naturais de Lilipute que o pai e a mãe não devem ser encarregados da educação dos filhos, e há, em todas as cidades, colégios públicos, para onde todos os progenitores, exceto camponeses e operários, são obrigados a mandar os filhos de ambos os sexos, para serem educados e instruídos. As escolas são de diversas espécies, consoante à diferença de sexo ou de sangue. Professores hábeis educam as crianças para um modo de vida conforme a sua ascendência, os seus próprios dotes de espírito e as suas tendências.

Os seminários para os filhos de nobres têm professores sérios e eruditos. O vestuário e subsistência dos rapazes são simples. Inspiram-lhes princípios de honra, de justiça, de coragem, de modéstia, de religião e de amor pela pátria. Até à idade dos quatro anos são vestidos pelos homens; dessa idade em diante, são obrigados a se vestirem sós, embora sejam de nobre estirpe (Swift, 1965, p. 57).

A sociedade de Blefuscu é igualmente estratificada. No topo, Sua Majestade, o rei, secretários de Estado, comitiva real. Em baixo, servos e aias.

Cheguei ao porto real de Blefuscu, onde o povo tanto tempo esperara por mim. (Swift, 1965, p. 73).

[...] pedi-lhes que avisassem da minha chegada um dos secretários de Estado, e lhe fizessem saber que aguardava as ordens de Sua Majestade. Como resposta recebi, uma hora depois, a notícia de que Sua Majestade, acompanhado de toda a comitiva, vinha receber-me. Adiantei-me cinquenta toesas, e o rei e a comitiva apearam-se de suas montadas; a rainha e suas aias saíram dos seus coches, e não notei que a minha presença os assustasse. Deitei-me no chão para beijar as mãos do rei e da rainha. Disse a Sua Majestade que viera, cumprindo a minha promessa e com licença do imperador meu amo, para ter a honra de visitar tão poderoso príncipe, e para lhe oferecer todos os serviços que dependessem de mim e que não fossem contrários aos deveres contraídos com o meu soberano, sem aludir, porém, ao meu desvalimento (Swift, 1965, p. 74).

Considerações finais

Os vínculos imaginários de desigualdade social que aparecem em *Viagem a Lillipute* opõem poderosos (soberanos, ministros e secretários de Estado, geralmente de “*nobre estirpe*” (Swift, 1965, p. 57)) a não poderosos (criados, aias, camponeses, “*vulgo*” (Swift, 1965, p. 31)). Eles têm muito a ver com a época e lugar em que a obra foi produzida e com vida de seu autor. Tanto no livro quanto na Inglaterra de então a sociedade é extremamente estratificada, o poder está na mão de aristocratas e é passado de uma geração a outra. No imaginário e na vida real, os vínculos entre os estratos sociais e entre as faixas etárias são tecidos por meio de ordens, obrigações e instruções, numa linguagem indireta, cheia de subterfúgios e meandros, pouco comprometida com a coerência, apta a ser imediatamente contradita.

Assim, a descrição da educação das crianças liliputianas, que tem a ver com a própria educação do autor, sempre em internatos e sem vínculos familiares fortes, é uma sátira à educação das crianças inglesas, mas é também a defesa de idéias pedagógicas específicas. Porém é impossível ao leitor atual (talvez, também, ao leitor da época de Swift) separar o que o autor defende do que ele pretende satirizar.

Os diferentes embates políticos da época – a restauração da monarquia e do absolutismo, as disputas partidárias, as perseguições religiosas, a guerra com a França, a queda de Jaime II e sua tentativa de voltar ao trono, o tratado de paz com a França, a eleição de gabinetes *tories* ou *whigs* – repercutiram diretamente na vida de Swift e se refletem no livro.

Por exemplo, *Tramecksan* e *Slamecksan* são metáforas de *whigs* e *tories*. Gulliver tenta equidistância entre os dois partidos. Swift concorda com os *whigs* no que diz respeito, por exemplo, a uma monarquia protestante desde que legislando com o consentimento do povo e com os *tories* quanto ao apoio à Igreja Anglicana. A animosidade entre *Tramecksan* e *Slamecksan*, isto é, entre *whigs* e *tories*, é retratada pela preferência banal por um tamanho do salto de sapato, alto ou baixo, tornando a disputa ridícula e engraçada.

A longa e sangrenta guerra imaginária entre Lilipute e Blefuscu, que custara a vida de 11 mil pessoas, começa e continua com a disputa de como quebrar e abrir um ovo. Dessa forma é ironizada a guerra entre Inglaterra e França. A participação de Gulliver no restabelecimento da paz tem a ver com a atuação de Swift no Tratado de Utrecht.

A decisão tomada por Gulliver, no final da narrativa (“*resolvi nunca mais entregar-me nas mãos de nenhum príncipe, nem de nenhum ministro, quando podia passar sem eles*” (Swift, 1965, p. 78)) equivale à do autor de abandonar a política partidária pública e retirar-se para a Irlanda, depois da queda do gabinete *tory*, ao qual servira.

Resta-lhe satirizar os *whigs* que passam a ocupar o poder. Assim, Robert Walpole, ministro no reinado de Jorge I (1714-1727) e, mais tarde, também, no de Jorge II (1727-1760), lorde do tesouro, presidente das reuniões do conselho e líder *whig* que atuou por 21 anos como uma espécie de primeiro ministro, é sutilmente caricaturado na figura de Flimnap, tesoureiro-mor do império de Lilipute (Barbosa, 2007, p. 96).

Todas essas observações mostram o autor de Gulliver inserido em sua época e na vida política britânica, retirando daí os elementos e imagens que compõem sua literatura. Mas o mostram também preso a determinadas concepções do mundo, a certas significações imaginárias sociais que o atam a uma visão aristocrática, ao repúdio às idéias democráticas e parlamentaristas que também vicejavam, mais próximo de um conservadorismo *tory* que de um liberalismo *whig*.

O discurso da desigualdade social encontrado na obra toma como naturais desigualdades de posição social. Poucos podem decidir a respeito de própria vida e da vida da sociedade. Uma grande maioria se sujeita aos que

ocupam os postos de poder. Na análise da segunda parte de *Viagens de Gulliver*, o episódio de Brobdingnag, reencontra-se o discurso da aristocracia que defende o governo dos melhores. Inteligência, nascimento e riqueza determinam os que vão pertencer à elite central do poder, ao grupo privilegiado formado por reis, rainhas e nobres. Três séculos depois das aventuras de Gulliver, esse discurso da aristocracia continua vivo.

Referências

- AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda. 1990.
- BARBOSA, R. Swift. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. 1887/2007.
- CASTORIADIS, C. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- CASTORIADIS, C. As encruzilhadas do labirinto / 2: Os domínios do homem. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.
- CASTORIADIS, C. Feito e a ser feito. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 1999.
- CASTORIADIS, C. Sujeito e verdade no mundo social-histórico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.
- FOUCAULT, M. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- GLENDINNING, V. Jonathan Swift. London: Pimlico. 1999.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-1969). In: Gadet, F; Hak, T. (eds) Por uma análise automática do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 61-161.
- SOARES, Luiz Carlos. Ciência, religião e ilustração: as academias de ensino dos dissidentes racionalistas ingleses no século XVIII. Revista Brasileira de História, v. 21, n. 41. 2001. <http://www.scielo.br/scielo.php?>, consultado em 11/6/2007.
- SWIFT, J. (1965). Viagens de Gulliver. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc, 1965. (Primeira parte: Viagem a Lilipute, p. 3-81)